

legiado de investigação no período que precede a realização de cada Colóquio;

4. Plano de actividades para 1997

4.1. Análise e aprovação, pelo Conselho de Investigadores, da «Estrutura Funcional do GEPP e Plano de Actividades de 1997».

4.2. Definição da temática do pf. Colóquio.

4.3. Preparação e dinamização da pf. Colóquio.

4.4. Recolha da documentação e/ou aquisição da bibliografia relacionada com a temática do pf. Colóquio.

4.5. Organização das condições de eventual apoio à investigação inerente às dissertações de licenciatura e/ou de mestrado e/ou de doutoramento do âmbito da UCP.

4.6. Criação das condições para a implementação de colecção onde possam ser publicadas as obras da responsabilidade do GEPP.

4.7. Publicação das Actas do Colóquio realizado sobre Guerra Junqueiro.

4.8. Publicação de duas obras consideradas de interesse no âmbito da política de investigação do GEPP.

Centro Regional do Porto
Universidade Católica Portuguesa
Gabinete de Estudos do Pensamento Português (GEPP)»

Assim sendo, resta ao GEPP, com a colaboração de todos, designadamente de todo o corpo docente do Centro Regional do Porto da U.C.P. implementar o projecto que fundamentou a sua criação.

Porto, 20 de Março de 1997

Ângelo Alves
(Director)

Afonso Moreira da Rocha
(Secretário)

Notas e Comentários

O Demónio

É arriscado pegar nesta temática por causa do «*poder das trevas*»! Esse é logo o primeiro pensamento. Mas todos querem saber se «ele» existe, não é?...

Dividirei a comunicação em duas partes: I. A posição da questão e perante a questão (clarificação de termos, as posições actuais e a do Magistério da Igreja) e II. Tentativas de desenvolvimento e aprofundamento teológico-espiritual.

Vou-me pôr na atitude de Advogado do Diabo, isto é, de questionamento provocador das opiniões mais tradicionais, já que entre elas há uma grande variedade sem conclusão definitiva. Direi qual a minha *posição actual*.

Pôr-se como Advogado do Diabo ou *Cardeal Diabo* é procurar contribuir para a reflexão ou solução de um caso, ainda em aberto, contrariando, levantando questões.

A teologia é evolutiva, não é feita de uma vez. É um percurso lento e uma aproximação da verdade revelada. E são *tantos casos* em que o «pensamento» foi evoluindo.

Por exemplo: pecado original / Nossa Senhora / Ressurreição / Eucaristia. Géneros literários...

Há duas atitudes (métodos) típicas nesta questão:

a) tomar a «verdade» como dado acabado, «dogmático», e tentar justificá-la com a Escritura e alguma tradição - é o caso de *Il Diavolo*, de Corrado Balducci.

b) uma interpretação mais espiritualista, muitas vezes de sabor apocalíptico que tenta decifrar o demónio no mal chocante e provocante do mundo - *Satã no mundo actual*, de Anton Bohm, bem como um número da revista Time (nº 23, 1991) e outro da revista Sábado (Maio 1991).

Mas há uma terceira via: a que aqui apoiarei, a de Duquoc, por exemplo. Partir da Escritura e ver realmente onde podemos chegar.

I. A Questão do Demónio

1) De «quem» estamos a falar?

a) A dificuldade começa logo na imensa lista de nomes e atributos, um autêntico «Pan-demónio»: os termos usados, as imagens, as situações, oferecem um *pan-téon*-(pervertido) para todos os gostos. Assim: Satan, Serpente, Diabo, Demónio, Besta, Lúcifer, Tentador, Mentira, Príncipe das Trevas...

b) Mas peguemos na Escritura e também nos apócrifos do tempo intertestamentário:

A primeira observação é notar o *quase nada* da presença do demónio no A. T.. E por outro lado a presença forte-(e apesar de tudo discreta) no N. T.. É interrogante!

A explicação vem da situação sócio-religioso-cultural do *judaísmo tardio* - cujo reflexo é hoje bem conhecido na literatura *intertestamentária* - uma profusão enorme de grupos, mais ou menos secretos, de cariz apocalíptico e forte tendência dualista que marcam a época que vai do século II a. C. aos fins do século I d. C.. Qunram e os seus textos são um exemplo... sugestivo. Os livros de Enoch e de Esdras os mais típicos. A comunidade cristã inicial desde logo considerou essa literatura de *apócrifa*, mas não se livrou da sua influência na cultura e na mentalidade reinante.

É nesse ambiente que o cristianismo vem à luz e os seus textos se fixam.

Por exemplo: a ideia de *anjo decaído* é na sua máxima expressão fruto do livro de Enoch-af se repesca *Gén 6, 1*. A estes livros se deve a crise de dualismo que passou o judaísmo nos primeiros séculos da nossa era.

c) A «queda dos anjos»

Há dois livros de Enoch. Um, é uma obra de tipo apocalíptico do século I, chamado *Livro dos segredos de Enoch*- são as ditas revelações dos segredos da sua *Viagem através dos sete céus*. O outro: o Livro etiópico de Enoch (cujos fragmentos se encontraram em Qunram com parte datada desde o século II a.C. até à tomada de Jerusalém) é célebre pela sua *angeologia e demonologia*. Com expressões que se encontram em Daniel típica literatura do judaísmo tardio.

Já no IV Livro de Esdras e no livro dos Jubileus, a *tese* da queda dos anjos aparece desenvolvida: são os 200 guardiões, os filhos dos deuses que se apaixonaram pelas filhas dos homens; daí nasceram os gigantes; os demónios são os espíritos destes que Deus castiga. (cfr. comentário *in Antes que os demónios voltem*, Quevedo, pg. 270 ss).

É claro que a lenda não tem consistência, mas fica a tese da queda dos anjos. E a causa da queda vai sendo tratada de modo variado pelos Santos Padres, e, mais tarde por S. Tomás e por Francisco Suarez (século XVI). Estes preocupam-se mais com as causas da queda do que com o facto. E vão dando razões, como a concupiscência, o orgulho, a inveja dos homens e a revolta contra a encarnação, porque Deus Se faz menor ou gosta mais dos homens...

Esta história deixa alguns ecos bíblicos:

1) *Carta de S. Judas*, 6: «os anjos que não conservaram o seu principado, mas abandonaram a sua morada, guardou-os presos em cadeias... para o juízo do grande dia».

2) *2 Ped 2*, 4: «Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os nos abismos tenebrosos de Tártaro, onde estão à espera do juízo».

São alusões, instrumentos de linguagem, para falar da gravidade do mal de um modo exemplar...

3) Já quanto a *Lc 10*, 28, passagem muito usada como prova - «Eu via satanás cair do céu como um relâmpago!» É a expressão de afirmação de que realmente os apóstolos enviados em missão estão a vencer o mal «dou-vos o poder de pisar serpentes... e sobre todo o inimigo»;

4) aliás também a referência bíblica à queda de Lúcifer em *Is 14*, 12 não é disso que fala. É o anúncio da *queda* do Rei da Babilónia, chamado assim «astro da manhã» = Lúcifer. E este seu título tornou-se símbolo da arrogância e do endeusamento. E tudo isso «cai» perante o Messias anunciado.

Assim podemos dizer que a «Queda dos anjos» tem uma leitura teológica possível. Ela significa:

- que todos os «adversários», anti-cristos e contra poderes de engano como são o dinheiro, o poder e o sucesso (cfr. *Tentações do Deserto* em *Mt 4*) cairão perante Cristo e o seu Reino

- que quanto mais elevada (angélica) é na realidade, mais perigosa e destruidora (diabólica) se torna quando se perverte. Como diziam os clássicos a perversão do óptimo é o péssimo.

d) Vocabulário:

Outro aspecto curioso é a quantidade de nomes, características e questões ligadas ao mal que vão ganhando «personalidade». Assim:

Satanás - o adversário; aparece só três vezes no A.T. além do livro de Jó e vinte e três no N.T.!

Diabo - caluniador, *divisor*, aparece também vinte e três vezes no N.T., nenhuma no A.T..

Demónio - o N.T. está cheio de demónios mas isso é outra questão. E «Demónios» aparece no Deuteronomio uma vez.

No A.T. aparece *Leviatan* no livro de Jó, nos Salmos, no Êxodo.

Lúcifer vem em Isaías, e já indicámos o sentido.

Todos os outros nomes, praticamente, só vêm no N.T.: o Pai da mentira, o assassino, o príncipe das trevas, príncipe deste mundo, o sedutor, o deus deste século..., já sem falar das figurações concretas, a Serpente, o dragão, o inimigo, a Besta, o Anti-Cristo, Belzebu, Leviatan, etc..

Mais se confirma a relação com a literatura tardia do Judaísmo, particularmente presente em Mateus.

Mas no século II já a Igreja tinha tomado por apócrifos todos esses textos (conservando, claro, o Evangelho de S. Mateus, o mais judaico e apocalíptico dos Evangelhos, bem como o Apocalipse de S. João, nosso conhecido).

e) *Será Pessoa?*

Na profusão imensa de nomes e de atribuições, vindos de uma raiz cultural tão marcada pela linguagem apocalíptica e por experiência sócio-religiosa tão agitada como foi o tempo intertestamentário, é quase impossível determinar onde se envolve uma maior ou menor personificação de todo esse pan-demónio.

Convém contudo distinguir os conceitos de personalidade, personificação e personalização.

Personalidade significa alguém, um centro autónomo de decisões e de relações. É ser pessoa. Mas quanto ao Diabo, por hipótese, sempre em anti-relação, o Cardeal Ratzinger (1973) usou a expressão de «não-pessoa», ou de pessoa não pessoal!

Personificação - figuração-metáfora.

Personalização - aqui indica que o mal (advérbio e moral) vem sempre de actos pessoais e de mentalidades pessoais. O que o mal não é, é uma energia tipo fluido fantasma, uma realidade abstracta. Mas tem origem em actos e atitudes onde a liberdade foi usada irresponsavelmente.

2. *Mas o diabo existe ou não?*

a) Vejamos primeiro algumas opiniões actuais:

A teologia clássica era tendente para o sim! Dizia que existe, mas sem grandes fundamentações para além da Tradição, não Bíblica, correndo o perigo de dualismo maniqueísta.

Mas a posição mais aceite, actualmente, pode resumir-se nestes termos, a partir de opiniões de teólogos consagrados:

1) «A tradição viva da Igreja é o argumento mais forte... Pela frequência de referências na Escritura, é pois natural que faça parte do ensino oficial.» (Zedda sj.).

2) O P. Karl Rahner começa por dizer que «não faz sentido tomá-lo como pura personificação do mal existente no mundo. E, realmente, o mal não é uma contra-energia ou um fantasma, é sempre fruto de actos livres e pessoais.»

3) Diz, pois, que faz parte do ensino da Igreja, mas «a crença nele não constitui senão um elemento secundário da revelação a que podemos ter acesso apenas por reflexão. Não há uma doutrina explícita do Demónio nos grandes símbolos da fé...» (K. Rahner sj.).

4) Aconselha então a «falar dele com grande discrição», e alerta para a necessidade de maior sobriedade nas imagens e nos ritos (K. Rahner sj.).

5) Nunca se pode ter a certeza da influência que ele possa exercer em cada caso, como também não se pode excluir a possibilidade, o que caracteriza a fé cristã é que Cristo é o Senhor e nenhum pecado, morte ou Satan terão a última palavra (John Navone sj.).

6) «Há dois erros iguais e opostos acerca deste tema em que os cristãos podem cair. Um é não crer na sua existência. Outro é ter um excessivo interesse por ele. Os demónios saúdam com igual prazer o materialismo e o mágico» (S. Lewis).

Eis as opiniões de teólogos e biblistas actuais! Mas em termos comuns, a tendência é agarrar-se à famosa frase de Beaudelaire que fez escola, e descansa alguns: «a maior astúcia do Diabo consiste em fazer-nos crer que ele não existe», e assim poder agir à sua vontade.

b) Mas qual é a grande astúcia?

São cada vez mais teólogos que relêem os textos bíblicos e da tradição e se aproximam da *negação do entendimento habitual* de todo este tema e *propõem a sua releitura*. Nessa linha vão também teólogos notáveis: 1. Walter Kasper, bispo; 2. Duquoc, Christan, op., um grande nome da cristologia; 3. Knauer sj., professor de Frankfurt. Deixemos de fora autores cujos livros, embora muito interessantes, geraram ainda polémica; refiro-me a Haag e sobretudo Óscar Quevedo - «Antes que os Demónios voltem» depois de retirado pela censura, foi editado em 1989 com aprovação eclesiástica.

Para Kasper (bispo de Rotenburgo-Stugarda, Prof. em Tubigen / 1989) a posição é a seguinte:

a) interpretando os textos bíblicos com a exegese actual não é possível manter a doutrina tradicional...,

b) o mal é para nós um mistério impenetrável,

c) os demónios são «nadas», como são chamadas as «divindades pagãs», no Salmo 96, 5, por exemplo.

d) Demónio não é uma figura pessoal, mas uma não-figura, sem rosto... um ser que se perverte no não ser: é pessoa à maneira da não-pessoa.

Pode parecer ridículo perguntar, mas, realmente, *que é ser pessoa?*

Como diz José Busto Saiz num número da revista Vida Nueva (1986) especialmente dedicado ao tema, «a utilização do termo pessoa aplicado ao demónio, é uma ousadia». «É arriscar-se a que a analogia se torne equívoco». «Pessoa» aplicada ao demónio serve para considerar o poder do mal ou como «um centro de actuação», ou para «fazer referência à relação». Então:

1. Se queremos dizer «pessoa» como «um centro de actuação», então estamos a referir à raiz única de todos os tipos de mal que é o egoísmo, o poder do mal, situação que afecta a natureza humana como separação de Deus, anterior a qualquer acto responsável.

Este poder é egoísmo, enfrenta-se com o homem - é adversário. Aí radica a sua «personalidade», entra em relação de confronto.

2. Mas precisamente a «relação» que caracteriza o «ser pessoa», significa necessariamente abertura... amor. Ora, o diabo simboliza o contrário, fechamento, egoísmo! O diabo é negação da relação, é a anti-relação porque é a cristalização do egoísmo. «Constitui-se por oposição cerrada a Deus». «Logo, não pode ser pessoa, porque não pode amar».

«A nossa fé, a grande mensagem do N.T., é: o diabo, isto é, o poder do mal no seu centro e nas suas manifestações, no seu mistério e na sua força, foi vencido definitivamente por Jesus Cristo!»

Vejam agora o pensamento de **Christian Duquoc**. Afinal onde está a astúcia? No seu artigo *Símbolo ou realidade?* Duquoc afirma: «*Já não é a mentalidade científica que pede o desaparecimento de Satanás, é a seriedade da fé*». O mérito de Duquoc é obrigar-nos a repensar toda a questão. Diz ele:

a) pela não resposta das representações grotescas medievais, das subtilidades da beleza diabólica do romantismo, dos apocalipticismos actuais e dos satanismos de todas as épocas;

b) pela observação do esvaziamento do conceito de demónio sempre que nos abrimos ao espírito científico;

c) pelas diferenças de linguagem, contextos, significados e atribuições bíblicas e de tradição; *é legítimo questionar-se, e chegou a hora de o fazer!*

Eis os pontos fundamentais de Duquoc:

1. O mal está em nós e é em nós que Cristo o vence. O mal não é exterior à sociedade humana. Vem todo do homem. A ideia *Satanás será então um meio de o homem escapar à sua culpabilidade*. Em certo sentido, o identificar perigo e a solução na necessidade psicológica de um *bode expiatório*. (Não será esta a astúcia mais perigosa e não a de Beaudelaire?) A astúcia do homem seria não assumir as suas culpas como Adão (nosso representante universal), e lançá-la sobre a serpente. Essa necessidade de desculpabilização resolveu-a o Judaísmo carregando anualmente o Bode e enviando ao deserto. Mas foi Cristo que carregou com as nossas culpas e na sua morte matou o que em nós é mortal.

2. Não será mais simples pensar Satanás como uma *figura limite*, a *possibilidade real do homem*, como liberdade falível? Satanizar-se! (Não sealaria então de personalidade mas de *figura reguladora* da nossa auto-compreensão, símbolo que tira ao mal a sua banalidade, mas nos introduz no mistério de todo o acto mau).

3. Realmente, *quanto à questão da origem do mal moral*, a existência do Demónio, *não só não a justifica como a tornaria ainda mais misteriosa*. Exigiria recuar para sabermos: como? e quem? explica que uma criatura espiritual possa ter pecados; quem a tentou?, etc. De facto, o acto de liberdade escapa à necessidade... Mas não é preciso recorrer a uma figura exterior para fundar o mal no mundo, basta o homem. A origem do mal é a falta de liberdade... ou a liberdade mal usada.

c) Assim podemos propor **uma atitude e uma opinião**.

A *atitude* mais correcta do teólogo quanto à personalidade de Satanás, será: por um lado, não se pode dizer que a revelação o afirma (não se pode pedir aos textos uma resposta a questões para as quais eles não foram escritos); também não se encontra aí base segura para o negar. «*Só pode ser resolvido lentamente pela consciência eclesial na fidelidade à Bíblia e às orientações Magistério*. É a atitude apontada por Duquoc.

A *opinião* vem de **Knauer** no seu livrinho «*Para Compreender a Nossa Fé*», e parece-me a mais sugestiva:

1. «*Para quem não tem fé, toda a realidade criada se pode transformar em ídolo*». «*Tais ídolos tornam o homem escravo da avareza, do desejo da fama, da sede de poder, do egoísmo e da torpeza*».

2. Quanto à expressão do «*anjo decaído*»: «*quanto mais magnífica for uma realidade neste mundo, mais demoníaca se torna quando alguém a idolatra*».

3. «*A personalidade do 'diabo' (no singular) não é senão a personalidade de Deus transferida para a criatura*», a própria falsa imagem de «*Deus*» (criado por mim)... tem algo de diabólico...

Toda a confusão de uma criatura com Deus é «crer no diabo»

4. Quanto ao *objecto de fé*, «*A verdadeira fé trata da autocomunicação de Deus ... Ora, anjos, espíritos puros, demónios, a sua existência não é autocomunicação de Deus, logo não são objecto da revelação nem da fé*». Isto é realmente muito mais grave para o homem do que haver ou não espíritos decaídos!

«*O diabo é a nossa falsa relação com Deus*». E buscar Deus fora de Cristo é todo o endeusamento. «*Renunciar a Satanás*» é renunciar a qualquer forma de idolatria!

No Baptismo e Profissão de Fé é nos pedido que renunciemos a Satanás. Isso significará, pois, que se nos exige, para ser de Cristo em Cristo, a renunciar a buscar a felicidade e a nossa realização, em nenhuma outra realidade senão em Deus revelado em Jesus Cristo, sabendo como é fácil esperá-la do Poder, do sucesso, do prazer ou do dinheiro que tantas vezes idolatramos. Qualquer alternativa a Cristo, endeusada, é Satânica.

d) E o que diz o Magistério da Igreja?

1. O primeiro texto oficial que se apresenta sobre o assunto é do 1º Concílio Provincial de Braga (551-561). Mas trata de afirmações contra o Maniqueísmo e os Priscilianos (é esse o contexto); «*não se pode dizer que o diabo não tenha sido uma criatura boa criada por Deus e que ele é a substância e o princípio do mal*». A questão da existência do diabo não se questiona, mas nega-se que (existindo) seja um princípio mau em si mesmo e que Deus tenha criado o mal.

2. Mais tarde, no Concílio *Latranense IV* (1215) o erro que se ataca é o da divinização do demónio, fruto do dualismo de Cátaros e dos Bogomilos. O Decreto «*Finister*» diz: Deus é a única origem, criador das realidades visíveis e invisíveis... os demónios são criados bons, tornados maus por suas opções. De novo, é aqui admitida como um dado a existência do demónio; do que se trata é de não o divinizar.

Passa pois à história a seguinte *doutrina*:

a) ele é criatura;

b) ele é criado bom;

c) (que haja ou não, nem se questiona).

3. No *Concílio de Trento* quando se fala do pecado original e, nesse contexto, diz-se: é o pecado que submete a humanidade à maldade do diabo, mas Cristo (Heb 2, 14) reduz à impotência quem tinha poder sobre a morte.

4. O *Vaticano II* aborda a temática com grande discrição:

Na L.G. 17 diz-se que a missão da Igreja é libertar os homens da servidão do erro. E mantém o exorcismo no Baptismo e a forma litúrgica «*renunciais a satanás*». Mas a evolução quanto à prática e doutrina do exorcismo dá então gran-

des passos e os clérigos deixam de receber essa «ordem menor». Aliás, o grande Exorcismo praticado pela Igreja é o Sacramento da penitência!

5) Paulo VI (1972), numa audiência geral (15 de Novembro), afirmava:

- o mal não é só deficiência, mas eficiência, ser vivo, espiritual, pervertido;
- sai fora do ensino bíblico e eclesial quem nega a sua existência, faz dele

uma realidade incriada ou mera personificação conceptual e fantástica das causas do mesmo mal.

- mas também está fora quem o considere um princípio em si que não tivesse a sua origem em Deus; ou declare que é uma personificação conceptual das causas conhecidas da nossa miséria.

e) Será então possível tomar uma posição?

A situação pode resumir-se assim: os dados bíblicos não são conclusivos, a reflexão teológica está em aberto, as afirmações do magistério são indirectas... e a experiência espiritual que cada um pode ter do mal e dos seus enganos, na vida e nas estruturas sociais, não parece permitir conclusões gerais. É, pois, necessário pôr-se numa atitude de discernimento em sintonia com Cristo libertador do mal.

Será ao diabo que convém que não se acredite nele? Ou será a nós, à nossa estrutura egocêntrica, ao «carnal» em nós que nos engana, que «convém» transferir a culpabilidade para «outro»? É o nosso desejo de ser deuses que se opõe ao Espírito e nos diaboliza e diaboliza o mundo, ou precisamos de outras criaturas também a querer ser deuses para explicar tanto desarranjo? Donde nos vem a cegueira de não ver que só o Espírito nos conduzirá à verdade total pela humildade e pelo serviço?

Daí parece-me sensato tomar uma atitude, já referida: a de Duquoc; e desenvolver ou aprofundar uma opinião: a de Knauer.

Ter questões em aberto e em desenvolvimento doutrinal é normal em teologia, é saudável para uma fé não fundamentalista e um estímulo para caminhar com o Espírito no mistério de Deus que se nos abre.

II. Tentativa de desenvolvimento teológico

1. Em busca de uma fundamentação e do sentido teológico da questão do Demónio

a) Começamos pela análise de alguns textos evangélicos:

1) (Mt 16, 22-23) Jesus diz a Pedro: «afasta-te de Mim Satanás porque tens os pensamentos dos homens e não de Deus». Satanás significa adversário. E é adversário porque tem critérios meramente humanos.

2) (Mt 16, 16-18) Jesus diz a Pedro quando este O reconhece («Tu és o Messias»): «não foi a carne e o sangue que to revelaram, mas Meu Pai que está nos céus». Pensamentos dos homens, carne e sangue é que opõem a Deus. «O impuro não é o que entra de fora, é o que vem do coração do homem...» (Mc 7, 15).

3) (Jo 12, 31): «É agora o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado fora, quando for elevado da terra atrairei todos a mim». Aqui se indica a vitória sobre o *endeusamento* do mundo sobre os poderes deste mundo. «Príncipe deste mundo» (Jo 12, 31); «Pai da mentira» (Jo 8, 44), são títulos que significam:

- a tendência a fazer ídolos,
- criar uma falsa relação com Deus,
- apresentar Bens alternativos - A Mentira!

A mentira é a divisão no coração do homem: feito para Deus, endeusa e endeusa-se.

4) (Lc 10, 17-20) Jesus diz perante o sucesso da pregação dos apóstolos «*Eu via satanás*» (os poderes do mundo que escravizam o homem, a idolatria) «*cair como um relâmpago... alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos nos céus*». Isto é: Jesus vê cair os «adversários» as «luzes» deste mundo perante a pregação do Reino.

Enfim a grande questão é o mal. Mas esse não é um problema! É para nós um mistério na medida em que se liga ao mistério da liberdade humana, do mais fundo do que é ser homem, e esse só o iremos conhecendo à luz do Mistério de Deus. Ora o *Mistério de Deus*, o «próprio» Deus, só o conhecemos se Ele Se nos revelar. E à luz d'Ele entraremos no mistério humano.

b) Revelação de Deus e verdades da Fé

Como já foi dito acima a propósito do pensamento de Knauer as verdades da nossa fé são as revelações que Deus fez de Si próprio e que vamos conhecendo por auto-revelação de Deus. Daí se poder dizer que tudo o que não é Deus ou em Deus só se liga à nossa fé na medida em que nos diz algo de Deus. A crença no diabo diz-nos algo de Deus ou da salvação em Jesus Cristo

c) Todas as verdades (da Fé) ou são cristológicas ou não são...

Este é o grande princípio orientador da dogmática. Por um lado, em Cristo se completa e resume toda a revelação, e por outro toda a realidade criada se orienta para Ele e só tem sentido teológico em função d'Ele.

É pois exigida no baptismo a renúncia a toda a idolatria, a toda a alternativa à pessoa de Jesus como Salvador e Salvador necessário.

E, como já vimos, pode pois ser esse o conteúdo e significado da fórmula «renunciais a Satanás» da Profissão de Fé.

Uma coisa é certa, mesmo teologicamente: a presença de um mal no mundo tão indestrinçável que nenhuma técnica, nenhuma sociologia política ou moral dele nos liberta, antes mostram mais a salvação única e necessária em Jesus Cristo.

E perante isso, a Escritura remete-nos para aquilo que S. Paulo chamou o «mistério da iniquidade».

d) «O mistério da iniquidade» (2 Tes 2, 7), a impiedade, a raiz do mal na Bíblia ir-se-á encontrando... juntamente com o mistério do ser homem. Para Santo

Agostinho já, e de modo diferente para S. Tomás, o homem é uma ânsia insaciável de Deus, de Bem; só Ele pode satisfazer a vontade humana.

Mas atenção! A existência terrena como ânsia insaciável é uma situação de rotura. «Ser-no-mundo» é incompatível com «ser-junto-de-Deus»! Ambas as situações separadas por misteriosa fronteira, raiz do sofrimento e do pecado. Ser homem é desejo de ver a Deus, e de «estar em Deus» (dirá S. João) mas carregado do quase-incomportável «ainda não». Em vez de desejo *de ver* a Deus, disse Sartre «*Ser homem é desejo de ser Deus*» (L'Être et le Néant, 652). E este é o engano da liberdade livre, mas por libertar - o fascínio perigoso -, a raiz do pecado que vem, assim, do mau uso da liberdade.

2) Pistas para avançar a reflexão

a) A condição humana e as projecções do seu caótico

A primeira sugestão está na tomada de consciência deste mistério e drama humano, realidade hipercomplexa, mas dinâmica e com sentido. Sabemos que em Cristo, por Cristo e para Cristo, vimos do caótico e vamos para o cósmico, da desordem e caos para a harmonia e beleza. Este é o processo cósmico, cosmogénese que se torna cristogénese. Mas há forças pessoais e colectivas de travagem e de desvio; essas são mal e pecado e mentira. Encontramo-nos aqui com a visão que Teilhard Chardin desenvolveu, e para tantos fez ressurgir a esperança.

Entretanto surgem todo o género de tentações, de um endeusamento já, de uma libertação já. O homem entra em curto-circuito: idolatrias, alienações, urgência de «exorcismos».

Vale a pena ver como a Bíblia nos fala desses símbolos universais que são vitórias enganadoras: a torre de Babel, o Bezerro de ouro, o Bode expiatório.

O termo **Bode expiatório** significa um animal que se carrega simbolicamente com as impurezas colectivas ou pessoais e se afasta da vida

- abatendo-o ou lançando-o na floresta ou no deserto (rito religioso / mágico);
- já nos Hititas existiam tais formas de exconjuuro ou de transferência; em vez do animal podia ser um homem.

Na *Bíblia*:

- havia dois bodes no ritual da Festa da Expição (Lev. 16): o primeiro era imolado pelo pecado do povo e o seu sangue aspergido no santuário;
- o segundo, o sumo sacerdote impunha-lhe as mãos confessando e transferindo os pecados de Israel para a vítima;
- este, levado para o deserto e feito «bode emissário» que conduzia os pecados a Azazel, demónio que os Cananeus acreditavam habitar no deserto, terra infértil, onde Deus não exerce a Sua fecundidade. Também podia ser lançado num precipício;
- e a comunidade ficava livre.

Psicologicamente, é frequente a necessidade de descarga da agressividade e da culpabilidade. O bode expiatório é o elemento do grupo sobre quem recai a culpa, e assim como que se exorcisam os restantes.

b) *Mas... enquanto não se resolver a questão dos anjos*, renasce sempre a questão do demónio como «anjo mau».

Os anjos apresentam-se numa tal profusão de funções e figurações (sobretudo no intertestamento), mais ou menos antropomórficas, e sempre fruto de sonhos ou visões, que não é possível concluir nem sistematizar. Para aquelas épocas como é que se poderia conceber um Deus e Senhor que não tivesse a *Sua corte*? Para os filósofos a questão era outra: porque é que não havia de ter criado outros seres? E com base no Credo onde se diz «Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis», os anjos ganharam estatuto. Mas como bem nota Leon Dufour: «Anjo», esse nome significa uma função: a de mensageiro. E nada é dito sobre a sua natureza... o discurso sobre os anjos tem raízes na mitologia oriental e eles ganham consistência numa mentalidade onde Deus é tão transcendente que nem o nome se pode dizer. Um tal Deus manifesta a Sua presença e Sua transcendência pelos Seus emissários: é a Sua acção junto de nós. Fica até claro que são acções pessoais (de Deus, de Javé) até com nome distintivo; é Deus que chega ao homem. Mas quanto à sua natureza só na escolástica medieval aparece o conceito de *espírito puro*, aliás difícil de entender sem as subtis distinções que S. Boaventura tentou, de não ser acto puro, de ser potência sem ser matéria...

Parece-me útil lembrar o princípio que a propósito destas questões o P. Quevedo costuma propor: que não se deve explicar pelo «mais» aquilo que se pode explicar menos. E nessa linha, podemos propor uma interpretação para a verdade dos anjos como faz Knauer: eles expressam a capacidade de Deus criador e salvador mover toda a criação, providencialmente, para nosso bem e para Se comunicar connosco.

c) Discernimento dos espíritos

Aproximamo-nos já da conclusão deste ensaio. O mais útil será tomar o conselho dos Exercícios inicianos e em tudo, teologia e vida espiritual, exercitarmos em nós e nos grupos e nas estruturas aquelas distinções sobre os múltiplos espíritos «bons» e «maus», que nos aproximam ou afastam de Jesus Cristo, deixando-se colher e guiar pela luz do único Espírito Santo. Haverá aí uma saída no meio do fumo e da confusão: «o sair de si», que é participar no divino.

Tornar-se dono é do Demónio=força (poder); tornar-se rico é do Diabo=divisão (Mentira); tornar-se lúcido é de Satan=adversário (idolatria). São as falsas saídas.

d) O essencial é a vitória de Cristo

Finitos, mas inconformados com a finitude! Vivendo a dor da privação! Só se supera o mal pela abertura humilde ao dom plenificante que é Cristo.

A tentação de auto-suficiência é «inimiga desde o princípio» (Jo 8, 44), satânica. É diabólica, porque divide o homem internamente e o divide do seu sumo Bem. É fonte de conflito e de pecado...

A certeza da fé (o dogma) é esta: Cristo já nos libertou!
Mas vai «lento» e vai ambíguo todo o processo em curso, o da libertação:
o mistério Pascal...

e) Na verdade, só a vida Trinitária erradica o demoníaco.

A grande revelação de Deus no N.T. é Deus é Amor! E este é Pai, Filho e Espírito Santo onde cada um é pelo outro, esvaziamento de si, dom da vida.

E o Amor - sair de si - pelo outro, no outro, é o divino.

É esta imagem! Mais, é este o sentido do divino: o dar-se, que destrói o «deus deste mundo», o poder, o egocentrismo, a riqueza...

O mistério de um Deus que, como diz Jean Claude Barreau, se revela na «toute-faiblesse de Dieu» e na «toute-puissance de l'Amour». É a este paradoxo que junta a onifraqueza de Deus com a onipotência do Amor, que o livro de F. Varillon, *L'Humilité de Dieu*, nos entreabre a porta.

O segredo é talvez abeirar-se deste mistério, não em pensamento, mas pelo mesmo estilo de vida. Trata-se de esvaziar-se a si mesmo pela aceitação do dom de Cristo. É conter o incontido na nossa natureza pecadora, a história de uma divinização: face a face.

«Dou-Te graças Pai porque não revelaste estas coisas aos sábios, mas aos humildes...» «Quando eu sou fraco é que sou forte» (Mt 11, 25 e 2 Cor 12, 10).

Para terminar, fica-nos o desafio... que acompanha a história da humanidade: a vitória sobre o mal, que é também o destronar o Diabo: grande caminho desde o politeísmo das mitologias, que é mais pandemónio que *pantéon*, pelo dualismo das culturas até à superação unificante em Cristo - tratando-se de completar em nós o que falta a essa paixão vitoriosa - *peçoal e comunitariamente*.

Assim, parafraseando a expressão que caracteriza a escatologia, podemos dizer: *Demónio já não, mas ainda sim!*

VASCO PINTO DE MAGALHÃES, SI

Bibliografia

- BALDUCCI, Corrado - *Il Diavolo*. 10ª ed. [S.l.]: Piemme, 1980.
BARREAU, Jean-Claude - *Où est le mal?* Paris: Seuil, 1969, p. 82 e ss.
BENZO, Miguel - *Raiz del Mal según la Biblia*. In *TEOLOGIA para Universitários*. [S.l.]: Cristandad, 1963.
BOHM, Anton - *Satã no mundo actual*. Porto: Tavares Martins, 1960.
BUSTO SAINZ, José Ramon - «Demónio». *Vida Nueva*. 5/7/1986.
DUQUOC, Christian - *Symbole ou réalité?* [S.l.: s.n.], 1966. *Lumière et Vie*; 15.
ÉTUDES Carmelitains: Satan. [S.l.]: Desclée, 1948.
HAGG, H. - *El Diablo, su existencia como problema*. Barcelona: Herder, 1978.
HAGG, H. - *La liquidazione del Diavolo?* Brescia, 1969.

KASPER, Walter; LAHMANN, Karl; [et al.] - *Diabo, Demónio, Possessão*. S. Paulo: Ed. Loyola, 1992.

KASPER, Walter - *Il problema teologico del male. Diavoli, Demoni, possessione*. Brescia, 1983.

KNAUER, Peter - *Para compreender a nossa fé*. S. Paulo: Loyola, 1989, p. 129.

LOUF, André - *Au gré de sa grâce*. [S.l.]: Desclée, 1989, p. 25 e ss.

LOUF, André - *Nos idoles et Dieu*. [S.n.], p. 61.

NAVONE, John - *Satan*. In *DICTIONAIRE de la Vie Spirituelle*. [S.l.]: Carfo, 1983.

PAUL, A. - *O que é o intertestamentário?* [S.l.]: Ed. Paulistas, 1981. Cad. Bíblicos.

QUEVEDO, Oscar - *Antes que os demónios voltem*. S. Paulo: Loyola, 1989.

GONZALEZ QUEVEDO, Pedro José - *Feiticeiros, bruxos e possessos*. Braga: Apostolado da Oração, 1980.

RAHNER, Karl - *Diablo*. In *SACRAMENTA Mundi*. Barcelona: Herder, 1982.